

# EDITORIAL

A Invisibilidades sobrevive com dificuldades. Manter esta revista, que celebra o seu número nove, tem sido um trabalho árduo. Passados oito anos da sua criação, esquecidos os entusiasmos dos primeiros anos sentimos os ânimos editoriais fraquejar. É tempo de repensar a necessidade de uma revista com esta singularidade no panorama ibero-americano e é também tempo de avaliar as publicações na área da educação artística em línguas ibéricas. Do ponto de vista dos autores são necessários espaços de publicação para validar e certificar carreiras, claro!! Mas essa nunca foi a justificação desta revista que se desenhou como espaço aberto, multidisciplinar, intercontinental e completamente independente de universidades. Hoje, é certo que existem mais revistas nesta área e neste espaço linguístico que se dedicam a tópicos similares, e ficamos muito felizes por isso.

Das dificuldades que temos enfrentado nos últimos anos, aprendemos bastante, perdemos companheiros; trabalhámos com colegas, editores convidados, que muito generosamente ofereceram o seu tempo para organizar números; revisores dedicados que avaliaram propostas e sugeriram revisões de textos. O barco tem agora menos tripulantes, mas as amarras que unem a equipa continuam fortes-novos colaboradores estão a aparecer e isso pode ser um bom sinal. Sinal que podemos continuar a navegar. Mas, os tempos mudaram e os contextos agora são outros.

Por isso acreditamos que a revista tem sentido, como plataforma de debate, de exposição de ideias e de experiências. A nossa rede, de profissionais ligados à arte e à educação necessita de espaços de diálogo, despretensiosos, que não sejam apenas espaços de publicação conveniente para investigadores mas sejam sobretudo espaços de partilha, de respeito e de curiosidade pelo que os outros pensam, experimentam e exploram nas suas comunidades. Queremos então continuar com todos aqueles que acreditam nesta necessidade de partilha, independentemente de créditos ou certificações de impacto.

Possivelmente os próximos números serão mais diversificados refletindo as tendências atuais da arte e da arte na educação nesta década. Este número não tem nenhum tema em especial, integra artigos muito dispares, mas sem, no entanto, deixarem de ter interesse. Conceição Cordeiro, no artigo “Arqueologia da arte: documentos de uma revolução” evoca memórias com uma revisitação aos tempos do pós 25 de Abril de 1974, e das manifestações artísticas que decorreram no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), o seus manifestos e a sua aproximação a figuras destacadas da arte e da cultura portuguesa como Ernesto de Sousa.

Denilson Rosa Denis em ‘Palavras e narrativas: uma investigação em arte partilhada e participativa’ fala sobre práticas artísticas realizadas na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas Pernambuco, Brasil verificando a possibilidade de uma educação artística assumindo uma posição política face ao



debate da intervenção artística em espaço público.

Gabriela Sotto Mayor traz o tema da ilustração, com um artigo baseado num estudo mais abrangente, este artigo pretende dar conta de como um determinado grupo de crianças expressou o seu agrado (ou desagrado) face às ilustrações dos livros distinguidos com o prémio máximo no Prémio Nacional de Ilustração, na primeira década do século XXI. ( Portugal).

Frederico Monteiro, Carlos Barreira, Graça Bidarra, Piedade Vaz-Rebello debruçam-se sobre o ensino do desenho no ensino superior numa universidade Portuguesa , um tópico já várias vezes abordado na Invisibilidades. Sabrina Soledad Gil, da Argentina, fala sobre as tensões entre abordagens no ensino da história da arte.

Andreisa Damo, Elisabeth Brandão Schmidt, Michelle Coelho Salort , do Brasil, falam sobre Arte e Educação Ambiental na poesia social de Carlos Drummond de Andrade.

O investigador Português André Freitas Santos Correio debruça-se sobre questões ligadas à “experiência estética” e à relação das obras com o colectivo. Sara Carrasco Segovia e Rosario García-Huidobro debatem hipóteses na Educação artística entre marginalidade e precariedade a partir de reflexões sobre um seminário de educação artística que teve lugar durante o ano 2014 em Santiago do Chile.

Maria Betânia e Silva Correio e Camila Oliveira Sobreira, contam uma experiência de mediação na Galeria de Arte do SESC Casa Amarela na cidade do Recife, Brasil. Hugo Ferreira Cardoso e Maria do Céu de Melo apresentam resultados de um estudo com alunos portugueses do Ensino Secundário sobre apreciação estética na disciplina da História da Cultura e das Artes.

E finalmente na secção Entrevistas. Ricardo Huerta, fundador da revista Invisibilidades, revela o cinema de Ventura Pons a partir de questões sobre diversidade sexual.

*Teresa Torres de Eça*

*APECV/I2ADS | teresatorreseca@gmail.com*

## **SOBRE A IMAGEM DA CAPA DA INVISIBILIDADES Nº9**

### **Artolution**

The Artolution is a community-based public art network that seeks to ignite positive social change through creative, participatory and collaborative art making. We facilitate projects around the world that connect diverse peoples in order to address common social objectives. Our projects bring together children, youth, families, artists, educators and community groups. Our founding objective is to address critical issues related to armed conflict, trauma and social marginalization by cultivating sustainable global initiatives that promote reconciliation, healing and community empowerment.

The Artolution is a community-based public art network founded in participatory and collaborative art making. Our process empowers artists, youth and communities to be agents of positive social change, explore critical societal issues, and create opportunities for constructive dialogue.

We believe that the process of creating collaborative art is a powerful tool to bring diverse communities together in the face of conflict and social turmoil in order to address challenges that they face. Artolution projects engage youth and communities that have faced social exclusion and trauma, including refugees, street youth, the incarcerated, people with physical and mental disabilities, and young people living in areas of violent conflict or extreme poverty. These projects have been organized and facilitated in partnerships with local artists and educators, grass-roots community groups, schools, religious centers and international institutions in over 20 countries across Latin America, Africa, North America, the Middle East, Europe and South Asia.

We utilize visual public art mediums such as mural art and community sculpture, as well as street performance genres like dance, theatre and music. In our workshops, participants explore important community issues and collectively decide on the subject and content of the artistic production, culminating in the collaborative creation of works of public art. Through this process, we emphasize the building of positive relationships among participants, skill-building, the sharing of knowledge and the encouragement of community activism.

The Artolution began as a community-based public art initiative founded by US-based artist Max Frieder in 2009. In 2015, he and like-minded community artist Joel Bergner, whose work had followed a similar trajectory, joined forces as co-directors to launch the Artolution as an international organization that functions as a network of community-based artists, educators and institutions around the world.

*Max Frieder*

*max.frieder@artolution.org*

***The Foundstrum Public Recycled Percussion Sculpture (Max Frieder)***

The "Foundstrum Soundstrum," is a project in which participants collect durable trash and recycled materials, then use them to construct a large-scale sculpture that is designed and constructed as a long-term, public percussion instrument. Each piece of the Foundstrum is painted synaesthetically, meaning that participants are asked to decide what color

they think best represents the sound made by each object when it is hit with a drumstick. They will then participate in the construction of the piece, which will be assembled using wire, screws and zip-ties, with multiple sets of drumsticks attached with cables. This project is accompanied by educational percussion workshops, and the final sculpture is installed in the community as a permanent work of interactive and playable public art.

